

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO
(Coordenação)

**HOMENAGEM AO PROF. DOUTOR
FRANCISCO JOSÉ DE SOUSA GOMES**

COIMBRA – 2019

FICHA TÉCNICA

Título: HOMENAGEM AO PROF. DOUTOR FRANCISCO JOSÉ DE SOUSA GOMES

Autores: António Araújo; António Manuel Ribeiro Rebelo; J. Simões Redinha;
D. João Lavrador e Manuel Braga da Cruz

Coordenação: António Manuel Ribeiro Rebelo

Edição: Confraria da Rainha Santa Isabel

Composição: José Luís Santos

Capa: Hugo Rios

Impressão: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

www.artipol.net

Tiragem: 200 exemplares

Local e data: Coimbra, Janeiro de 2019

Depósito Legal N.º: 452112/19

SESSÃO DE ABERTURA DO COLÓQUIO EM HOMENAGEM AO PROF. DOUTOR FRANCISCO JOSÉ DE SOUSA GOMES

Ex^o e Rev^o Senhor D. João Lavrador,
Bispo Auxiliar do Porto e antigo Assistente Eclesiástico do CADC,
Ex^o Senhor Doutor João Caetano, Presidente do CADC,
Rev^o Senhor Pe. António Sousa, Capelão da Confraria da Rainha Santa Isabel,
Rev^o Senhor Pe. Nuno Santos, Assistente Eclesiástico do CADC,
Prezados Confrades e Irmãos da Confraria da Rainha Santa Isabel,
Estimados Consócios do CADC,
Caros Colegas e Amigos,
Minhas Senhoras e meus Senhores,

O dia 8 de Julho era antigamente, antes da reforma de 1969, um dos principais dias litúrgicos da Rainha Santa Isabel, a par do dia 4¹. Há precisamente cem anos o Senhor chamava a Si o Doutor Francisco José de Sousa Gomes, Professor de Química Inorgânica da Faculdade de Filosofia, director do Laboratório de Química e da Imprensa da Universidade, membro de academias nacionais e estrangeiras, mas também Presidente da Confraria da Rainha Santa Isabel e grande promotor e patrono do CADC. Neste dia, não podíamos deixar de lembrar aquele que foi um dos mais íntegros e genuínos cristãos deste último século e meio, no conjunto do panorama nacional.

¹ Quando Urbano VIII canonizou Santa Isabel, fixou a festa no dia 4 de Julho, como vinha sendo hábito. A corte portuguesa insistiu junto do Papa para que a festa de Santa Isabel se tornasse obrigatória para toda a Igreja. Como o dia 4 de Julho coincidia com o oitavário dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, a festa foi transferida para o dia 8 de Julho por Inocêncio XII. Em Portugal, todavia, a Rainha Santa foi sempre celebrada no dia 4 de Julho.

Embora a palavra “comemorar” contenha em si uma conotação demasiado festiva para o triste momento que evocamos – ademais tomando em consideração o contexto infeliz (com fortes suspeitas criminosas) em que a sua morte ocorreu – comemoramos hoje o nascimento para a vida eterna do Doutor Sousa Gomes e fazemo-lo não só para preservar a sua memória, mas sobretudo para transmitir aos cristãos de hoje o modelo de católico coerente, corajosamente assumido e profundamente empenhado que ele foi, numa das épocas mais difíceis da nossa História. Vivemos actualmente momentos igualmente problemáticos para o cristianismo, talvez não tão complicados como os que o Doutor Sousa Gomes enfrentou, mas porventura tão perigosos pela forma, muitas vezes perversa e insidiosa, como os valores cristãos são minados, desprezados e mesmo aviltados em nome de uma relativização da ética por parte de movimentos concertadamente anticlericais, apostados em corroer a sociedade, privando-a de referências morais. E assistimos a isto perante a inércia e passividade e até colaboração de quem devia dar o exemplo oposto, confundindo, assim, espíritos incautos.

É por isso que se torna mais premente enaltecer e actualizar, isto é tornar vivo, o exemplo de homens como o do Doutor Sousa Gomes, tornando-o presente às gerações modernas, tão carentes deste tipo de referências, pois era um homem que, já naquelas épocas conturbadas, defendia com assombro o que muitos guardavam recatadamente no seu foro íntimo, mas sem coragem de o exteriorizar. E a coragem no Doutor Sousa Gomes provinha da sua convicção profunda nos valores morais e espirituais que conformaram a sua personalidade.

Um dos bispos mais notáveis da história portuguesa, o já servo de Deus D. António Barroso², missionário e destemido Bispo do Porto, um homem com larga tradição na actividade política³, cruzou-se por diversas vezes na vida com o Doutor Sousa Gomes, seu par em frontalidade e em coragem na assunção e defesa dos interesses da Igreja.

A 18 de Abril de 1901, a pretexto do chamado caso Calmon, Hintze Ribeiro apertou o cerco às ordens religiosas impondo-lhes restrições e asfixiando-as com

² Um homem que Júlio Dantas comparou, com os olhos turvos de lágrimas, ao santo bispo dominicano D. Frei Bartolomeu dos Mártires (Espadas e Rosas, 1919, p. 138).

³ Ainda sacerdote, já se havia candidatado, em 1892, a deputado pelo *Centro da União do Clero Bracarense*, integrando um grupo de sacerdotes que iam ao encontro de uma maior intervenção política dos católicos no combate contra as leis anticatólicas tal como era defendida pelo Papa Leão XIII na sua encíclica *Au milieu des sollicitudes*.

a abolição da clausura, dos noviciados e do juramento religioso. O episcopado reagiu energicamente, avultando, nesses protestos, a figura do Bispo do Porto. No dia 28 de Junho de 1901, na Sala dos Capelos da Universidade, por ocasião de um doutoramento solene, em que D. António Barroso era padrinho do doutorando, o distinto prelado foi alvo de fortes apupos e vaias quando o Doutor Mendes dos Remédios fazia o seu elogio conforme mandavam as regras da praxe. Nos cadeirais, o Doutor Sousa Gomes foi o único a ter a coragem de se levantar para defender a honra de D. António Barroso. Na sequência destes incidentes, um grupo de estudantes católicos resolve assumir publicamente a sua fé e a defesa da Igreja e da liberdade religiosa. Contra a corrente do anticlericalismo que se vivia por todo o País, nascia o CADC.

Já depois da República, o mesmo Bispo do Porto viria a protagonizar o combate em defesa dos interesses da Igreja, enfrentando o governo de Afonso Costa. Imediatamente a seguir à implantação do novo regime, vendo que as novas leis eram atentatórias às Liberdades e Direitos da Igreja, os Bispos consideraram que “não podiam nem deviam continuar silenciosos e impassíveis em tão especial conjuntura” e sob a Presidência do Arcebispo Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo, resolvem reagir em Colegialidade publicando a primeira Pastoral Colectiva na História da Igreja em Portugal⁴. A redacção final do documento foi confiada ao Arcebispo de Évora, D. Augusto Eduardo Nunes, e foi publicada na véspera natalícia de 1910.

Nessa Pastoral, os Bispos criticavam, entre outros factos, todas as Leis que decretavam a extinção das Ordens Religiosas, a proibição dos votos religiosos, a interdição do ensino da Religião em todo o sistema escolar – recusando o conceito de “escola neutra”, uma vez que os pais têm o direito de decidir sobre a educação dos seus filhos. Além disso, os Bispos dirigiam-se aos Fiéis apelando à confiança em Deus, à fidelidade à Igreja e ao amor à Pátria, incentivando-os a “jamais cooperar, admitir a menor cumplicidade nem sequer dar aprovação a coisa alguma que signifique ou origine hostilidade ao Catolicismo”, não se coibindo mesmo de dar orientações políticas, aconselhando os Fiéis a votar em candidatos que ofereçam garantia e façam a defesa dos interesses do Catolicismo “sejam quais forem os partidos a que pertençam”.

⁴ Intitula-se o documento em causa *Pastoral Colectiva do Episcopado Português ao Clero e Fiéis de Portugal*.

Foram presos vários sacerdotes por lerem esta Pastoral durante a Missa Dominical. O Governo da República oficiou aos Bispos a proibição da leitura da Pastoral por não ter o beneplácito governamental e ameaçou punir os prelados se estes não cumprissem as ordens do Governo. Incompreensivelmente, os defensores da lei da separação do Estado e da Igreja intrometiam-se nos assuntos internos da Igreja.

D. António Barroso foi o único que desobedeceu, pelo que veio a ser destituído das suas funções episcopais por decreto republicano de 8 de Março de 1911 e exilado da sua diocese⁵.

O Doutor Sousa Gomes, que tinha acompanhado este combate incentivando vários dos prelados portugueses, não deixou de enviar, mesmo no seu leito de morte, palavras de felicitações e de estímulo ao Bispo da Guarda por ter publicado o ofício ao Presidente do Governo expondo as ameaças de que foi alvo e reclamando plena liberdade de acção.

No *Imparcial* de 1912, dedicado à memória do Doutor Sousa Gomes, vários destes bispos deram o seu testemunho. O Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo, afirmava como era tão preciso “nos dias que vão correndo o exemplo que o querido morto nos legou, no seu acendrado amor patriótico, na firmeza da fé cristã, no seu afecto e inabalável adesão às verdades e preceitos da Religião Católica”. O Arcebispo de Évora, D. Augusto Eduardo Nunes, salientava o vigor da sua crença religiosa “daquela crença tão viva e tão sincera, tão consciente e tão inabalável, tão nitidamente professada, tão corajosamente defendida, tão apostolicamente proclamada e propagada, que aos mesmos adversários se impunha como o documento de uma convicção, como a afirmação de um carácter, como a revelação de uma força, como o testemunho de uma virilidade, como o retrato de um homem”. O Bispo do Porto, D. António Barroso, por sua vez, exaltava a acção de Sousa Gomes “no campo espiritual da fé, na defesa intemerata, firme ráciocinada dos direitos da Igreja”. Acrescentou ainda que “em Coimbra é a alma orientadora, o amigo desvelado, o mestre querido dessa plêiade de académicos tocados do entusiasmo da fé, de ardor e boa vontade, que criam o C.A.D.C., que pelos *Estudos Sociais* influencia todo o país e é uma das melhores esperanças entre as instituições católicas para a regeneração moral da nossa terra”.

⁵O decreto determina “que não poderá voltar a qualquer ponto do território da mesma Diocese sem que intervenha nova deliberação do Governo da República” e que “é declarada vaga a Diocese do Porto, para todos os efeitos legais (...) como se a vacância do Bispado do Porto resultasse de falecimento”.

No momento actual é pertinente relembra também o homem que pôs em prática a doutrina social do Papa Leão XIII liderando o movimento social católico, tendo sido aclamado para Secretário-Geral da Obra dos Congressos da Democracia Cristã. Convém lembrar que o conceito de Democracia Cristã, que vai ao encontro das preocupações sociais apontadas pelo Papa Leão XIII, nessa carta magna da Democracia Cristã que foi a sua Encíclica *Graves de Communi*, se inscreve no plano social e não político. A acção social católica (ou democrata cristã) opunha-se ao socialismo ateu. É nesse plano de democracia social que deve ser interpretada também a designação oficial do CADC, muitas vezes deturpada e descontextualizada pelas inúmeras tentativas de partidarização que o conceito de Democracia Cristã viria posteriormente a sofrer, apesar de condenadas pelos sucessores de Leão XIII. Também o CADC não ficou imune a essa instrumentalização política. A designação original de Centro Nacional Académico foi alterada para Centro Académico de Democracia Cristã, justamente por força das conotações políticas que essa denominação tinha com os movimentos nacionalistas regeneradores. Ora, naquele tempo, a questão social exigia que se promovesse e difundisse as doutrinas sociais católicas. Foi assim que, integrados no plano mais vasto do movimento social católico, surgiram os CADC's, enquanto círculos de reflexão e de estudo sobre as questões sociais, no espírito da doutrina traçada por Leão XIII em muitas das suas 64 encíclicas, entre as quais pontifica a *Rerum Novarum*, embora esta deva ser complementada pela leitura de muitas outras⁶. Por essa mesma razão, o primeiro órgão do CADC de Coimbra recebeu o título de *Estudos Sociais*. Não admira por tudo isto que o Doutor Sousa Gomes fosse a figura tutelar e o grande mentor do CADC de Coimbra.

Esta grande figura da Igreja presidiu também aos destinos da Confraria da Rainha Santa Isabel durante 10 anos, depois de, numa primeira experiência, ter sido o braço direito desse outro grande lente de Coimbra que foi o Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos. Estes dois grandes vultos, juntamente com D. António José de Freitas Honorato constituem os três mais importantes presidentes ou juizes que a Confraria jamais teve na sua História.

Era justo que a Confraria neste dia prestasse a devida homenagem a um dos Confrades a quem muito ficou a dever. Porém, enquanto ceadecista não podia deixar, como é óbvio, de propor ao nosso presidente, que instituição tão intimamente

⁶ E.g. *Arcanum, Diuturnum, Immortale Dei, Humanum genus, Quod Apostolici muneris, Libertas*, etc.

ligada ao Doutor Sousa Gomes, quanto é o CADC, se associasse a esta homenagem, proposta a que ele prontamente anuiu e abraçou com todo o entusiasmo.

Dessa colaboração nasceu um colóquio simples, concentrado num dia, repartido pelos espaços de duas instituições que foram muito queridas ao homenageado, com o objectivo principal de dar a conhecer aos estudantes da Universidade de Coimbra, aos professores e aos cristãos, em geral, uma figura que sobretudo hoje nos deve servir de modelo pela forma destemida e resoluto, mas também piedosa, com que porfiou no bom combate, dando testemunho da sua fé, e simultaneamente pelo abnegado empenho que punha em todas as vertentes que o seu projecto de vida contemplava, fosse no plano académico e cultural, no plano familiar, no plano sócio-caritativo ou no plano estritamente religioso.

Caros familiares do Doutor Sousa Gomes, o legado espiritual deste vosso antepassado extravasou há muito o círculo íntimo da vossa família. Tornou-se público, desde logo, pelo seu testemunho de vida. São muitas as gerações que beneficiaram directa ou indirectamente desse legado, cuja importância espelha bem um retrato fiel da grandeza do homem que ele foi. E todos nós aqui presentes lhe estamos profundamente gratos por podermos hoje colher o que ele semeou. Mas compete-nos a nós, a todos nós, preservar esse legado e dar continuidade a essa sementeira, para que a seara não fique irreversivelmente estéril.

Como dizia o Bispo do Porto, D. António Barroso, na já citada edição comemorativa do *Imparcial*, “comemorar os altos méritos do cristão e sábio ilustre, saudar a memória abençoada do forte e do patriota, é promover-lhe imitadores”. O Pe. Luís Lopes de Melo reforçava o modelo de cristão que Sousa Gomes representa para todos nós: “No Doutor Sousa Gomes, todos temos que aprender e que imitar. Recordemo-lo, pois”.

Espero que todos possam tirar bom proveito da estimulante lição de vida que nos deixou este ilustre Professor da Universidade de Coimbra, este grande luzeiro do catolicismo do final da Monarquia e do início da República – um homem de grande e profunda piedade, um homem de intenso e profícuo estudo e um homem de corajosa e resoluto acção.

António Manuel Ribeiro Rebelo
Presidente da Mesa Administrativa
da Confraria da Rainha Santa Isabel